ANO 5.º — Sexta-feira, 18 de Outubro de 1912 — NUMERO 243

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias)	1$200 réis
Semestre	600 réis
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte	2$500 réis
Avulso	20 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha	40 réis
Comunicados	20 réis

Anúncios permanentes, contracto especial.

Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

A' volta do ataque de Chaves

O relatorio de Couceiro

Apesar de estar inteiramente liquidada a questão do combate de Chaves que nêste jornal tratei, não quero deixar de referir-me ainda a éla, em face do relatorio de Couceiro, agora aparecido nos jornaes e nalguns transcritos na integra.

Não tocaría mais no assunto se tal documento não viesse á publicidade. Desde que veio não posso, repito, ficar calado pois desejo frizar bem quanto a minha hipotese, na questão debatida, era racional e logica, e frizar ainda como o proprio Couceiro no seu relatorio da invasão a confirma plenamente e completamente.

O objectivo de Couceiro era Chaves e só Chaves e êle proprio declara que o comando désta praça—**praça de guerra, embora de velha data,** lhe chama Couceiro—se iludiu com a nota que êle mandou ao comandante militar de Montalegre.

Não permite o espaço que se transcreva todo o artigo; mas transcreverei alguns trechos, para que os leitores do *Democrata* que acompanharam a questão, possam fazer agora um juizo seguro a seu respeito.

Na tarde de 6 a coluna entrou por Sindim, pequeno logar correspondente ao ponto onde transpozeramos a raia.

Ora, da leitura de trechos anteriores, vê-se que Couceiro transpôz a raia, onde a poude transpôr, por causa da vigilancia da guarda civil hespanhola.

O que éra preciso era entrar imediatamente e portanto as forças realistas entraram assim pelos proprios pontos onde lhe foi feita a distribuição de armas:

. . . a maioria dos automoveis, logrou, com efeito, atingir, na noite de 5 para 6 o ponto marcado para o encontro com os homens.

. . . .

Seguiu-se, sem perda de tempo, a distribuição das armas e a marcha para Portugal.

Eis a razão porque uns entraram por Sindim, outros por Verin.

A junção far-se-ia dentro da raia na marcha para Chaves. Mais adeante diz o relatorio:

Nove kilometros ao sul tinhamos Montalegre. Para aí foi enviada uma nota anunciando a nossa presença e indicando ao comandante da guarnição que se apresentasse. . .

Ora aqui não se diz, como correu, que Couceiro intimára a rendição de Montalegre.

Pois se êle não fazia tenção de ir!. . .

Tal *ultimatum* era disparatado. E continúa:

A's 5 e tres quartos de 7 marchávamos por Padornêlo, Gralhas e Solveira, bivacando ás 15 horas e meia em Soutelinho.

. . . .

Eram tres horas e meia (de 8) quando se rompeu a marcha de Soutelinho para Chaves.

Sobre Montalegre nem mais uma palavra.

Esta povoação só incidentalmente aparece na luta, e pelo facto da nota enviada ao tenente Barreiros.

A sua adesão era alguma coisa de animador.

O Barreiros não respondeu á nota e Couceiro marchou logo sobre Chaves, sem mais pensar no caso, onde devia reunir-se com a coluna do capitão Mario de Souza Dias, que entrára por Verin.

. . . não havia tempo a perder — diz Couceiro — *Tratava-se de uma especie de golpe de mão, tirando partido da surprêsa e da divisão das forças. . .*

A nota enviada a Montalegre no dia 6, induzira-os a supôr que o primeiro ataque se faria por ali, *destacando-se, por consequencia para lá, forças de Chaves apressadamente.*

Foi esta justamente a minha hipotese.

Couceiro marchava sobre Chaves onde esperava ser bem recebido; o relatorio o diz: *Adversas? (as forças de Chaves) não o sabiamos ao cérto, embora existissem bases sérias para ter a certêsa do contrario*. . . Conhecedor da saída da guarnição em socorro. . . de Montalegre, precipitou a sua marcha, para apanhar desguarnecida a. . . *praça de guerra*, como de facto apanhou.

Mas ainda para confirmar mais categoricamente que o seu objectivo era Chaves, Couceiro diz mais adeante:

Ocioso nos parece demonstrar que quem contava apenas com 360 espingardas e 2 pequenas peças, **não se abalançaria a tomar por objectivo,** *uma praça de guerra (cá está éla. . .), embora de velha data, guarnecida por forças muito superiores, se o não levassem razões de pezo suficiente.*

Creio não ser preciso mais para prova provada de que, como afirmei nos meus artigos do *Democrata*, o objectivo de Couceiro só podia ser Chaves, e que, portanto, a saída da guarnição de esta vila foi um erro que podia ter trazido graves consequencias.

E era Chaves, êle o confirma no seu relatorio, porque, razões de pezo suficiente a isso o levavam. As minhas proprias considerações sobre o efeito moral que nas suas tropas deixou a resistencia de Chaves, Couceiro confirma tambem: *Uma linha cerrada de pontas de lança, hostis e ferozes surgia, ali mesmo, onde o animo esperançoso e crente dos nossos homens, contava se lhes abrissem entre os assomos de uma parcial resistencia,* muitissimos braços de amiga confraternidade.

. . . .

O insucesso, portanto,. . . . . abatera-lhes sensivelmente o moral.

Só no fim do relatorio é que Couceiro fala na guerrilha de Cabeceiras. A marcha de Couceiro por Montalegre só podia ter em vista a sua junção com esta guerrilha, mas que tal junção não estava na primeira fase do plano de invasão, o proprio chefe realista o diz nos seguintes termos, depois de descrever a retirada de Chaves:

Da coluna, no entretanto, seguiam portadores na direcção do Alto Minho, a pôr-se em contacto com a guerrilha e preparar a nossa junção com éla, se ainda estivesse em atividade. E em obediencia a essas intenções fômo-nos deslocando para oeste. Em 10 bivaque em Vilar de Perdizes; em 11 e 12 em Santo André.

Quer dizer: Couceiro só depois da derrota de Chaves, é que se lembrou de penetrar no alto Minho a reunir-se com a gente do padre Domingos... se ainda fôsse tempo.

Nêsse caso, então, o caminho sería por Montalegre, atravez de todo o macisso daquéla asperrima região.

A questão de Chaves fica só agora esclarecida, mostrando bem o que éla foi e o que devia ter sido.

Humberto Beça

Ministro da Marinha

Com demora dum dia, estêve na quarta-feira em Aveiro o sr. dr. Fernandes Costa, que veio propositadamente a esta cidade estudar o regimen de propriedade alagada na sua vastissima ria para estabelecimento dum govêrno pelo qual, respeitando-se a cada um os direitos legitimamente adquiridos, se salvaguardem tambem os interesses do dominio público. Este problêma, que é da mais elevada importancia para os interesses da agricultura da região e sobre tudo para os pequenos agricultores, vai ser convenientemente estudado a fim de, dentro em brêve, se poder resolver, sem agravos para quem quer que seja.

O sr. ministro da marinha visitou a praia de S. Jacinto e a Barra retirando á noite, no *rapido*, para o sul.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

AO SR. MINISTRO DA GUERRA

Lê-se no *Mundo* de ante-ontem, secção *Écos & Noticias*:

«Escrevem-nos de Aveiro a dizer que consta ir ser ali colocado, em cavalaria 8, um capitão que foi amigo dedicadissimo de João Franco, feroz perseguidor dos republicanos e ainda actual frequentador, quando em gozo de licença nas visitas áquéla cidade, de um estabelecimento, cujos proprietarios foram já presos como conspiradores, estabelecimento que é conhecido entre os aveirenses pelo sugestivo titulo de *O Quelhas*. Na sua carta os nossos amigos de Aveiro pedem-nos para chamar para o facto a atenção do ilustre ministro da guerra. Fazemol-o confiadamente, certos de que o acto não se praticará, porque não se presta a realizál-o quem tem dado tão eloquentes provas de patriotismo e de amor pela Republica, como o sr. coronel Xavier Barreto.»

Mas para que é isso, para quê, se á frente da Escola Industrial foi novamente colocado aquêle célebre membro da comissão de propaganda do *Pulha de Aveiro*, Francisco Augusto da Silva Rocha que até dizem ter-se filiado no grupo democratico para mais facilmente conseguir, como conseguiu, a vinda para esta cidade?!

Pois não é mais repugnante, mais afrontosa, a permanencia, em Aveiro, de Silva Rocha, que figurou nas colunas do mais indigno pasquim que no país se tem publicado como sendo uma das pessoas de categoria e consideração que lhe davam apoio moral e material precisamente na ocasião em que o bandido que o escrevia se evidenciáva, redobrando-o, no ataque aos homens que com maior abnegação e desinteresse, trabalhavam pelo advento da Republica, do que a do capitão Calheiros que só tem contra si o ser considerado um ferrenho franquista?

O' srs. politicos: pelo amor de Deus, já que a coerencia passou a ser uma palavra vã, ao menos sêde equitativos. Não custa nada, e até póde ser de aí que alguns lucros advenham...

Quando virá para a Escola Normal o padre Marques?

FIGURAS EXOTICAS

Começáram de aparecer por aí parte daquêles tipos pertencentes á pleiade das *lidimas individualidades da nossa terra* e que a quando da ultima incursão realenga, de triste memoria, se tinham ausentado para *aguas* apressadamente, talvez persuadidos de que se avisinháva a hora da justiça...

Isto quer dizer que o *Quelhas* tende a animar-se...

JUSTIÇA!

Como não podia deixar de ser, foi de novo profundamente impressionadora para a cidade, para todos os leitores do *Democrata*, a inserção do documento dado á estampa no nosso ultimo numero e que junto não só ao que já publicámos, como ainda a outros apensos ao processo, que serviram de base ao auto, apresentados, por sua vez, pela junta medico-militar que funcionou em Ilhavo, apagou incredulidades ainda que muito abaladas, desfez duvidas, todavia, já vacilantes.

Independente da absoluta convicção moral e pública de que quanto aqui temos dito sobre o tristissimo caso, que é simplesmente verdadeiro, de *chantage* em que está envolvido o medico miliciano Pereira da Cruz, preciso era, contudo, levar-se essa mesma convicção ao espirito dos julgadores, ao ambiente do tribunal, e isso foi brilhantemente conseguido, indiscutivelmente provado de maneira a não oferecer sombra de duvida a quem quer que seja, o mais meticuloso e exigente, o mais escrupuloso e puritano.

Não sabemos se por espontanea intervenção da besbilhotice indigena, se por proposito dos interessados, tem-se propalado os boatos mais inverosimeis e peregrinos, que póde bordar a fantasia doente de alguem ácêrca da repugnante *chantage* que vergonhosa e impunemente ha tanto se praticava ás escancaras, com o maior despréso pela lei e pelos mais rudimentares principios da honra e do brio social.

Como não houve receio de a todos os pontos da acusação se responder com a mais formal negativa, talvez, como sequencia désse plano, se afirme agora que o general da 5.ª divisão, a quem foi enviado o processo, o mande arquivar por. . . *absoluta falta de prova juridica!!!*

Mas. . . *a absoluta falta de prova juridica* apenas existe no cerebro doentio do criminoso que se debate entre a intima convicção da sua culpa e a luz feita e proveniente de cinco documentos escritos e assinados, confirmando, todos, a pratica do mesmo acto e numero mais que suficiente de testemunhas secundando essa prova, que após a leitura do auto, se apóssa de pronto do espirito do mais escrupuloso julgador.

Não se iludam, não se sugestionem com a falsa esperança do que se não póde dar!

A espada da justiça empunhada pela mão limpa da Republica ha-de caír fria e implacavel sobre a cabeça do culpado, seja êle quem fôr.

E dizemos assim, ainda que repetindo o que mais duma vez já afirmámos, porque não nos move em exclusivo contra o indigitado criminoso, Manuel Pereira da Cruz, a mais pequena parcéla de odio ou de vindicta pessoal!

A justiça que para êle pedimos, pedil-a-iamos para quem quer que fôsse em egualdade de circumstancias.

Que dentro da monarquia, protegidos pelos grandes corifeus, á sombra dos espantosos crimes e actos de manifesto impudor por estes cometidos, fôssem praticados por segundos os maiores escandalos, as maiores vergonhas, ainda que tal nos ofendesse como patriotas, de taes acontecimentos só nos vinha maior força, mais justificado direito á razão da nossa campanha, da guerra movida contra o existente!

Mas agora, á sombra do regimen que jurou á nação inteira pela bôca dos seus mais leaes servidores, a regeneração dos costumes com a defêsa da moralidade pública e oficial, consentir-se na continuação vergonhosa e deprimente dos mesmos crimes, não encontraríamos palavras com que classificar tamanha traição.

Isso nunca, mil vezes nunca!

E, áparte muitas outras razões, esta é, sem duvida, a mais preponderante para que até á final liquidação do caso de que vimos tratando, nenhum julgador, seja qual fôr a sua categoría, se atreva a pôr o mais leve embargo, a juntar a mais insignificante atenuante.

Não, não; porque a Republica não póde seguir, por principio nenhnm, os mesmos vergonhosos processos da monarquia, solidarisando-se com reconhecidos criminosos, pustulas herdadas da podridão que avassalou um regimen que as balas, a polvora e o fogo das manhãs revolucionarias deviam ter retalhado, e o sangue dos que morreram pelo resurgimento da Patria querida, devia ter cauterisado!

Em esforços de verdadeiro desesperado, num bracejar angustioso e supremo do misero que se vê submergir sentindo a morte no borbulhar da agua que o cérca atingindo-lhe já os labios, póde o sr. Manuel Pereira da Cruz debater-se na procura duma protécção que o ilibe da acusação tremenda que sobre êle péza, que não encontrará, por cérto, quem com êle se associe nêsse pacto que sería não só uma vergonha das mais indignas para quem o praticasse, mas a maior afronta para o regimen que em tal consentisse.

Pódem-lhe ser ditas palavras de conforto, de prometedora esperança e ainda de futura modificação no que houver a fazer, mas de verdade, de positivo no que de facto

haja a atenuar, vae uma grande distancia.

O sr. Manuel Pereira da Cruz está nêste momento como alguns dos seus clientes a quem — quantas vezes? — muito embora lhe reconheça a proximidade implacavel da morte, que já os envolve, afirma contudo as suas melhoras, a convalescença breve com a conquista absoluta da vida!

Palavras de fementida esperança, de efémera verdade, que só vem alimentar o animo do inditoso que morre, encorajal-o com a crença que a afirmativa aparente do medico traduz, para que êle continue enganado nos poucos minutos que lhe restam de vida!...

Contudo, vae marchando para o seu termo a liquidação final dêste caso, que bem melhor sería para todos, que nunca existisse, que dêle nunca tratassemos.

Mas o que tambem não permitimos é que ninguem atenue a verdadeira gravidade da sua existencia, porque nis so iria a mais gràve ofensa á moralidade e á justiça!

E nós nada mais queremos, nada mais exigimos do que seja éla feita em toda a sua magestosa e pura grandêsa!

Faça-se, pois, **justiça**, só **justiça!**

Rebocador

Ainda não entrou no nosso porto, mas conta-se que o faça até domingo, o rebocador *Azinheira*, destinádo ao serviço de pilotagem e reboque emquanto não estivêr concluido o que o govêrno expressamente mandou construir para esse fim, em harmonia com as reclamações que lhe teem sido feitas.

A' vista da barra já está, desde ontem, um navio bacalhoeiro désta praça que se presume ser o *Dolôres* e deve ser o primeiro rebocádo pelo *Azinheira*.

Nova moeda

Como é sabido, o govêrno provisorio da Republica, por decréto de 22 de maio de 1911, estabeleceu uma nova moeda, que em 5 do corrente entrou em circulação, e da qual hoje vâmos dar á tabéla respectiva com as suas equivalencias visto ser da maxima conveniencia que a éla todos se vão acostumando e num praso mais ou menos curto deixem de existir as confusões que de principio se hão de dar.

Leiam e atentem bem os nossos leitores:

Ouro	antiga moeda
10 escudos	10$000 reis
5 »	5$000 reis
2 »	2$000 reis
1 escudo	1$000 reis
Prata	
1 escudo	1$000 reis
50 centavos	500 reis
20 »	200 reis
10 »	100 reis
Bronze-niquel	
4 centavos	40 reis
2 »	20 reis
1 »	10 reis
1[2 »	5 reis

A unidade é o *escudo* equivalente a 1$000 reis; divide-se em 100 partes eguais denominados *centavos*, de fórma que um centavo equivale a 10 reis da atual moeda.

A passagem de uma para outra moeda é extremamente facil. Se fôr da atual para a antiga tratando-se de centavos, basta juntar um zero para termos o valor em reis.

Exemplo 57 centavos 570 reis.

Reciprocamente: da velha moeda para a nova passa-se dividindo por 10. Exemplo: 390 reis, 39 centavos; 725 reis, 72 1[2 centavos.

Tratando-se de *escudos*, divide-se ou multiplica-se por mil, isto é, juntam-se ou acrescentam-se tres zeros conforme se quer passar da moeda velha para a nova ou viceversa.

Exemplo: 500$000 reis, 500 escudos. E o contrario: 729 escudos, 729$000 reis; 425$745 reis, 425 escudos, 74 1[2 centavos.

Ninguem póde ser obrigado a receber em qualquer pagamento, seja qual fôr a sua importancia e proveniencia, mais do que 10 escudos em moeda de prata (10$000 reis); e em bronze-niquel mais de 1 escudo (1$000 reis).

OS TRES

D. MANUEL, COUCEIRO E CRISTO

pronunciam-se sobre o fracasso da incursão realista

Os ultimos arrancos

A titulo de curiosidade e mesmo para que fique arquivádo o que ácêrca da vergonhosa derrota das hostes paivantinas pensam os principaes interessados, publicâmos a seguir o manifésto dirigido pelo ultimo Bragança *aos emigrados e á nação portuguêsa*, parte da carta de Couceiro *aos seus amigos do Brazil* e por ultimo a opinião do celeberrimo bandalho que se imortalisou pelas suas fanfarronadas, ao mesmo tempo que dava provas da maior cobardia e falta de senso—Homem Cristo.

Os leitores do *Democrata* hão-de concordar que os tres documentos são, por todos os titulos, dignos de registo.

Começêmos, pois, pelo manifesto brigantino:

«Sinto-me cada vez mais identificado, numa intima comunhão de ideias e de sentimentos, com o meu país, com o principio politico do qual tenho a honra de ser o representante e com aquêles que, por todos os meios, nobremente o serviram.

A causa monarquica não morreu em Chaves, em Valença, nem em Cabeceiras de Basto. Esses casos não fôram uma liquidação politica, mas apenas o insucesso de um ataque audacioso e encarniçado em que se perdeu um esforço heroico, mas do qual a honra ficou intacta.

Não. Torna-se impossivel a morte de uma causa que levanta taes entusiasmos, que provoca essa indomavel resistencia, essas dedicações, esses martires, esses sagrados holocaustos, essa firmeza de alma, essa coragem inquebrantavel, todas essas nobres virtudes perante as quaes me inclino com respeito e que enchem o meu coração de um emocionante e profundo reconhecimento e, ao mesmo tempo, de um forte sentimento de orgulho por me sentir *rei de um tal povo*.

O movimento realista portuguêz não é pois a desforra de um partido politicamente vencido ou uma lucta apenas estimulada pela satisfação de um simples capricho dinastico. E', realmente e efectivamente, a expressão da vontade nacional que vê na restauração da monarquia, o ultimo meio de salvar a patria.

E' com esse pensamento, que é o de todo o povo portuguêsâ—á exceção da minoria que o domina despoticamente pela violencia e pelo terror—é com esse pensamento que é o primeiro a impôr-se ao meu espirito nêste soléne momento, que me dirijo a vós, como eu, exilados, e áquêles que em Portugal, após tantos sofrimentos, conservam ainda fé ardente na nossa causa, para vos afirmar que a bandeira da monarquia, a bandeira da liberdade, da justiça, da ordem, continua a flutuar entre as minhas mãos, a fim de que sob as suas dobras se reunam e se concentrem todas as energias, todas as dedicações, todas as bôas vontades que queiram trabalhar na obra patriotica que representa e simbolisa a bandeira azul e branca.

11 de setembro de 1912.

Manuel, rei.»

Fala Paiva Couceiro:

O que se passou na segunda invasão monarquica

Em contrario do que poderia concluir-se dos noticiários e comentarios da imprensa portuguêsa, a atitude do govêrno do sr. Caualejas a respeito da parte activa dos emigrados da Galiza foi sempre, mais ou menos, de impedimento e de repressão, de todos os actos e trabalhos preparatorios de incursão pela fronteira.

Provaram-no notoriamente as sucessivas apreensões de armas, e, com menor facilidade, mas maiores detalhes, o verificará quem converse cinco minutos com alguns daquêles que, internados pela Galiza, tantas vezes sofreram existencia errante e inquieta, sob a pressão da guarda civil, fiel executora das ordens terminantes de Madrid.

Realisára-se a ultima apreensão importante de armas em fins de abril. Era uma remessa de mil e respectivos cartuchos, provenientes de Hamburgo, por via maritima. Chegaram a desembarcar e a enterrar-se na areia, mas aí mesmo foram descobril-as os carabineiros, excitado o zêlo pelas perentórias instruções do govêrno central.

Depois, em fins de maio, começou a redobrar de insistencia a perseguição, pronunciando-se por principios de junho um definitivo mandado de despejo contra a nossa gente. Achavam-se os homens escalonados então pelo vale do rio Lima, a certa distancia das fronteiras do Alto Minho, e alguns, em menor numero, pela região de Verin (fronteira de Chaves).

Mais uma vez esses pobres nomadas sem eira nem beira se puzéram a caminho, sob a vigilancia da guarda civil, e tomando como direcção de internamento a provincia de Zamora.

Corriam, por consequencia, gràves riscos as possibilidades de incursão.

Vinham por outro lado os incentivos do interior de Portugal e os *comités* civis e militares manifestavam, insistentes, o desejo, ou antes, a quasi exigencia de uma pronta deflagração do movimento.

Quer dizer: duas forças concorrendo no mesmo sentido: a de Portugal, que directamente nos chamava: a de Hespanha, que indirectamente nos oferecia o dilêma:—*ou agora, ou não pensem mais nisso.*

Como se fez a aquisição de armamento e munições

Proseguiam, pois, os trabalhos para nova aquisição de armas. E, na noite de 4 para 5 de julho, tinhamos junto a certo ponto da costa norte de Hespanha, vinda por mar, uma remessa de cêrca de 460 armas (1) e 60 mil cartuchos. Para esse mesmo ponto convergiam, néssa mesma noite, nove automoveis que, por caminhos diversos, se haviam aproximado da região a coberto de suspeitas. Ainda durante a mesma noite se fez o desembarque e o carregamento nos carros, seguindo estes viagem imediata, estradas fóra, sem paragens, nem contactos com povoações.

Apezar das cautelas, não se completou, todavia, o *raid* sem a perda de 100 armas e 20 mil cartuchos, caidos nas mãos da autoridade.

Mas a maioria dos automoveis logrou, com efeito, atingir, na noite de 5 para 6, o ponto marcado para o encontro com os homens. Estes, embora viéssem desde o mez anterior palmilhando, por agrupamentos separados, a sua peregrinação de expulsos, á ordem da guarda civil, haviam, não obstante, conseguido, por meio de uma combinação de itinerarios antecipadamente estudada, realizar essa concentração na data e hora fixas.

Seguiu-se, sem perda de tempo, a distribuição das armas e a marcha para Portugal.

Tudo se fez sem o minimo obstaculo, mercê da rapidez e da escolha do caminho, por fóra da zona dos povoados e das estradas ordinarias.

A autoridade não interveiu, porque materialmente lhe era impossivel intervir. De facto, entre o momento em que as armas se encontravam ainda no mar, livres de vistas, e separadas da fronteira de Portugal por trezentos kilometros de percurso terrestre, e o momento da coluna alcançar, armada, o contacto com a raia portuguêsa, medeáram apenas as horas que vão desde cêrca das 24 de 4 para 5, até ás 14 de 6, quer dizer, umas 38 horas, durante as quaes se executaram, consecutivamente, sem interrução, todas as operações intermédias: desembarque, carregamento de automoveis, percurso dos mesmos, descarga e distribuição aos homens e 30 kilometros de marcha dêstes.

A coluna invasora resolve iniciar a marcha

A força efectiva da coluna, por ocasião da entrada, representava-se por umas 360 espingardas e duas peças de montanha, a 100 tiros estas, a 110, aproximadamente, aquélas.

E de mais—além de 2 metralhadoras, cuja deficiencia de cartuchos caracterisava antes, como objectos de luxo, do que como instrumentos de eficacia—um rudimentar arremêdo de serviços administrativos e de saude.

Pouco, decérto, para exercito invasor.

Não se tratava, todavia, de invasão, nem muito menos de conquista, mas apenas de servir de escolta a uma bandeira amada, segundo era vóz geral, pela grande maioria do país. Escolta da *bandeira azul e branca*, nada mais.

Nem outra coisa podia, como força, representar meia duzia de individuos, saidos furtivamente de terra estrangeira, sem remuniciamentos, sem linhas de comunicação, sem serviços auxiliares, sem armamento suficiente, falhos, emfim, de instrução e de todos os preparativos regulares inerentes ás fainas da guerra, tendo que lutar contra uma resistencia organisada com todo o tempo, liberdade de acção, recursos materiaes, meios tecnicos e de comando, numa palavra, contra toda a massa de faculdades ao dispôr de qualquer nação normalmente constituida.

Na tarde de 6, a coluna bivacou em Sindim, pequeno logar correspondente ao ponto onde transpuzeramos a raia.

Nove kilometros a sul tinhamos Montalegre. Para aí foi enviada uma nota, anunciando a nossa presença e indicando ao comandante da guarnição que se apresentasse na madrugada seguinte. Essa nota não obteve resposta. A's 5 horas e tres quartos de 7 marchámos por Padornello, Gralhas e Solveira, bivacando pelas 15 e meia em Soutelinho da Raia. Durante o trajecto, receção afetuosissima por parte das populações, carinhosas em extremo. Beijavam, de joelhos, a bandeira. Tinham visivelmente o coração na mais sincéra das comoções festivas. Dos altos, de onde avistavam a linha de marcha, corriam presurosas ao nosso encontro, largando casas, campos e gados. Através das povoações, as mulheres cantavam córos alusivos ao movimento, de ha muito, ao que parecia, decorados e ensaiados.

Eram tres horas e meia quando se rompeu a marcha de Soutelinho da Raia para Chaves. Preferira o caminho que corre entre o de Bustello e o de Soutelo, por ser o mais isolado e livre de habitantes.

Pelas 8 e meia da manhã atingimos as imediações de Chaves, pronunciando-se desde logo o ataque.

Na verdade, como sem custo se compreenderá, não havia tempo a perder. Tratava-se de uma especie de golpe de mão, tirando partido da surpreza e da divisão das forças com que nos defrontavamos. Adversas? Não o sabiamos ao certo, embora existissem bases sérias para ter a segurança justamente do contrario, pelo menos a respeito das suas tres quartas partes.

A nota enviada a Montalegre no dia 6 induzira-os a supôr que o primeiro ataque se faria por ali, destacando-se, por consequencia, para lá forças de Chaves, apressadamente. E, por outro lado, a entrada da pequena coluna do capitão Mario de Sousa Dias (uns 190 homens armados quasi todos com Wenchester) pela região de Verin, trouxera tambem como resultado a marcha de outras forças de Chaves para Vila Verde, fronteira de Verin, quer dizer, segunda divisão de forças.

Esse troço destacado para Vila Verde obrigava-nos, contudo, a guardarnos pelas costas, pois separado de nós apenas por uma distancia de 6 klometros, podia, de um instante para o outro, entalar-nos entre dois fogos.

E é o receio dêsse possivel golpe de revez e a fundamentada confiança nas bôas disposições duma grande parte dos do campo contrarios que explicam aquilo que, sem interferencia de taes factores, poderia afigurar-se precipitação no nosso movimento de avanço.

Ocioso nos parece demonstrar nêste ponto que quem contava apenas com 360 espingardas e 2 pequenas peças não se abalançaría a tomar por objectivo uma praça de guerra, embora de velha data, guarnecida por forças muito superiores em numero, se a tanto o não levassem razões de peso suficiente.

Veiu, ainda, a relativa frouxidão das manifestações de resistencia dos defensores, na primeira fase da refrega, trazer maior reforço á orientação derivada déssas duas ordens de considerandos.

E, com efeito, visto a escassez de gente e de munições, e a ausencia absoluta dos meios, dos apoios e das condições que tornam praticavel, já não dirêmos um assedio regular—mas mesmo uma simples acção ofensiva nos devidos termos — qual era o processo que por exclusão de portes, nos restava?

O de caír-lhes em cima, a fundo, resolutamente, com a estocada rapida e directa.

Se esse processo—que era o que aproveitava ás nossas unicas vantagens acessiveis da surprêsa e do impeto—falhasse—então deveriam logicamente falhar todos os outros, porquanto—reconhecida a nossa impossibilidade de evitar o envolvimento e de sustentar qualquer fogo mais demorado—esses outros processos representavam pôr a descoberto precisamente as nossas fraquêsas.

A entrada em Chaves tinha que efectuar-se tentando com todos os nossos elementos de combate, forçar a porta por uma marcha seguida—ou então não se efectuaria.

E *marcha seguida*, eis o que foi o ataque de Chaves. Marcha seguida até mesmo junto dos muros, cuja sombra abrigada salvou os nossos antagonistas.

O ataque a Chaves narrado por Couceiro

Arrojou-se, pois, a coluna com alma e com pressa, como quem se vê na colisão de jogar os destinos numa só cartada.

O pelotão da vanguarda, comandado pelo bravo tenente Julio de Ornelas Vasconcélos (que lá ficou, o pobre) saltou no espaldão da carreira, mesmo sobre Chaves, e aí se bateu corpo a corpo com os defensores.

No entanto, o grosso da coluna avançava. Tomaram-se sucessivamente tres posições de artilharia—a terceira a uns 400 metros da praça—e toda a infanteria, aproveitando o relêvo de terreno e os pinhaes, se abeirou, desenvolvida, em linha de combate, para penetrar, sem demora, na povoação. Era a marcha de enfiada a que acima nos referimos.

Mas, nésta fase decisiva, o fogo do lado oposto recrescera, vivo e certeiro, preparado, decérto, desde muito, pela medição de distancias a pontos de referencia, nos terrenos circundantes. Detraz dos muros e de todos os buracos saíam tiros, apontados a coberto, contra os nossos, a peito descoberto. As baixas começavam a avultar-nos em escala apreciavel. Eramos poucos e não havia reservas para preencher os vasios. O escudo de pedra dos nossos adversarios tornava o duelo manifestamente desegual. Mantivémo-nos durante cérto tempo, mas a situação não podia prolongar-se.

E estando completamente fóra do nosso alcance e possibilidades, pelas circumstancias a que acima aludimos, guardar as posições conquistadas, havia que abandonal-as.

Nêsse sentido se enviou ordem aos pelotões, determinando-lhes a retirada pela inversa do avanço, quer dizer, ocupando sucessivamente de deante para traz as mesmas posições, antes ocupadas de traz para deante.

O pizo, a intervalos de terra solta ou arenosa, era mau. Os homens, perfeitamente extenuados, depois duma marcha e de um combate de horas, sem descanço nem comida.

O retrocesso veiu-se arrastando vagaroso, e, emquanto os tiros da praça nos acompanhavam passo a passo, os nossos escalões alternadamente lhes respondiam, detendo-se, ora uns, ora outros, nas orlas dos pinhaes, e sucessivas dobras de terreno.

Mas, em consequencia da separação que o desenvolvimento do ataque tinha aberto entre os pelotões, e em consequencia tambem de terem ficado sem comandantes por morte ou ferimentos, quatro dêles—uma fracção importante da coluna não acertou com a diretriz indicada e foi-se afastando no rumo norte, E, conjuntamente, os serviços sanitário e administrativo.

A outra parte da coluna, quer dizer, aquéla que, com o comando, seguiu o caminho exato, como fôsse a ultima a atingir o ponto de concentração, supôz que a gente que ali faltava já houvesse seguido marcha ao longo do caminho marcado.

Assim não era. E esse desvio teve varios inconvenientes, entre êles o de nos levar a maior parte do gado, complicando terrivelmente o transporte das peças, pois a fadiga da gente já não permitia leval-as ás costas. Por tal motivo as perdêmos, apezar de terem chegado a vir para traz durante algum tempo, á custa de arrancos de bôa vontade de homens, cuja força fisica atingira os limites de exgotamento.

Na garganta rochosa por onde descêramos para a veiga de Chaves, descançou finalmente um pouco a coluna, ou, antes, a parte déla, que, no momento, julgavamos apenas a sua guarda da retaguarda.

Lentamente continuou a marcha depois, e, pelas 22 horas, bivacámos de novo em Soutelinho da Raia.

Fôramos recebidos como verdadeiros inimigos—não restava duvida.. E até no conceito obscurecido de alguns, como inimigos estrangeiros, segundo nol-o déra a entender a exclamação admirativa dum soldado do 19 de infanteria, que encontrámos por terra na ocasião do avanço—o qual, ao ouvirnos a voz pedindo informação do ferimento que o havia prostrado, perguntou duvidoso:

Então são portuguêses?

Caso este que só parecerá estranho a quem desconheça os processos dos nossos adversarios.

Uma linha cerrada de pontas de lança, hostís e ferozes, surgia, ali mesmo onde o animo esperançoso e crente dos nossos homens contava que se lhes abrissem, entre os assomos de uma parcial resistencia, muitissimos braços de amiga confraternidade. Porque, de facto, na ideia dêles—ideia que ninguem poderá classificar propriamente de absurda—a entrada era apenas uma especie de sinal, como que uma escôva que, detonando, inflamasse aquéla carga de explosivos latentes.

A evidencia dos factos surpreendera-os.

Caía-lhes em cima uma *douche* de desilusões e desenganos.

O insucesso, portanto, menos pelas suas durêsas materiaes do que por esse choque brusco de realidades inesperadas, abateram-lhes sensivelmente o moral.

O desfazer das ilusões monarquistas

O dia 9 passámol-o em Soutelinho. A's 18 horas arremeteram com o bivaque umas avançadas republicanas. Repelidos os da frente, os assaltantes retiraram, deixando no campo tres cavalos, espadas e equipamentos.

Chegavam noticias de que, excéto em Cabeceiras de Basto e circumvisinhanças, o país permanecêra inerte perante o nosso apêlo. Entre os homens ia alastrando o desconsolo, não obstante os tonicos que se lhes ministravam, e a sua atitude bem traduzia a consciencia dominante que os possuira, de que o nosso esforço resulátra nulo nos seus efeitos e de que não oferecia qualquer possibilidade de sequencia util o seu prolongamento na ocasião.

Nêste espirito, varios se internavam para Hespanha.

Da coluna, no entretanto, seguiram portadores na direcção do Alto Minho, a pôr-se em contacto com a guerrilha e preparar a nossa junção com éla, se ainda se encontrasse em actividade. E, em obediencia a essas intenções, fomonos deslocando para oeste. Em 10, bivaque nas cercanias de Vilar de Perdizes; em 11 e 12, nas regiões de Santo André.

Devia, comtudo, esvasear-se até ao fundo a taça amarga das esperanças frustradas.

Os guerrilheiros de Cabeceiras, senhores apenas de 50 armas de guerra e de algumas caçadeiras, tendo mantido corajosamente a resistencia, durante 5 dias, contra uma remessa de carbonarios e diversos destacamentos republicanos, viram-se por ultimo na contingencia da dispersão, sob o cêrco envolvente de 2:500 homens de forças regulares.

Estavamos sós. Tinha que dar-se por conclusa a nossa missão no momento.

Em 13, pois, transpuzemos a raia, perto da povoação hespanhola de Gironda.

Ainda permanecêmos na zona da fronteira durante os dias 14 e 15, mas houve que ceder á perseguição sem treguas, então iniciada por forças da guarda civil, cuja mobilisação, para esse efeito, a autoridade de Madrid ordenára expressamente.

Seguiu-se o internamento, que, de facto, representa apenas a continuidade de ordens e de disposições já antes da incursão adótadas e começadas a executar pelo govêrno de Madrid e seus delegados locaes.

Depoimentos finaes do scelerado Homem Cristo transcritos das cartas por êle enviadas para o Brazil:

De 22 de julho, Cuenca

A inepcia de Couceiro... assombrosa! Excedeu tudo! Só quem conhece particularidades a póde avaliar.

De 7 de julho, Tui

Quando esta aí chegue estará farto de saber que tudo liquidou desastrosamente porque, em vez de confiarem na força da inteligencia, estavam possuidos da ideia céga de que *tudo caíria ou fugiria logo que êles aparecessem*; não tivéram previdencia nenhuma e o resultado foi aquêle: não só um grande desastre, como um vergonhoso desastre.

... Emfim, que dizer-lhe mais? Nada. Eu pago as minhas virtudes. Sempre fui assim. E' o fim de uma grande agonia e ainda bem que é o fim.

De 22 de julho.

Eu previa o desastre do Couceiro. Eu via tudo pessimamente dirigido. Eu conhecia a formidavel incapacidade que presidia a esta bambochata.

Parce sepultis! E sobre os autores da *bambochata* que jámais os verdadeiros republicanos, os verdadeiros patriotas deixem de ter assente o azorrague a que lhes dá direito a vil infamia cometida contra a independencia da Patria.

(1) A remessa era maior; mas, por circumstancias supervenientes, só se efectivou nêsse numero de 460.

ASSUNTOS CAMARÁRIOS

Ao ilustre presidente da Comissão Administrativa Municipal vimos, em nome do interesse publico, lembrar a conveniencia de mandar pintar não só a praça do peixe, como o mercado do Cójo, que estão sendo, nêste momento, irrefutaveis testemunhos do maior abandono a que se póde votar o cuidado indispensavel da conservação e economia com construções daquéla ordem.

O mercado, além da pintura que exige, precisa que a vidraça da cobertura seja, além de limpa, reformada, atendendo a que é grande o numero de vidros que já não existem, como os que estão partidos e deslocados dos seus logares, resultando que no inverno não se poderá permanecer dentro do edificio a não ser de guarda chuva em punho.

Mais nos informam que o rendimento do referido mercado tem decrescido duma maneira digna do maior reparo, pois tendo atingido cêrca de 12$000 reis de rendimento diario, hoje, dizem-nos, não produz sequer a importancia que atinge a despêsa feita com os respectivos fiscaes!

Ao sr. presidente da Comissão, pois, que sempre nos dispensou a fineza de nos atender, mais uma vez solicitâmos a sua intervenção sobre o que aqui tomâmos a liberdade de expôr.

Liceu de Aveiro

Abriram na quarta-feira as aulas do nosso primeiro estabelecimento de ensino cuja frequencia atinge este ano o numero de 259 alunos entre os quaes 48 do sexo feminino.

O liceu de Aveiro, que por tantos motivos merecia ser elevado a central, é hoje aquêle que mais está sendo preferido, sem duvida devido ao magnifico corpo docente de que se compõe, com rarissimas excéções, sendo de crêr que dentro em pouco ainda tenhâmos que registar o aumento da sua extraordinaria concorrencia que é incontestavelmente duma grande utilidade para a vida economica désta terra.

As diferentes classes ficáram assim preenchidas: 1.ª—95 alunos; 2.ª—48; 3.ª—59; 4.ª—33; 5.ª—24.

Comissões cultuaes

Consta-nos que não obstante a má vontade de alguns inimigos da Republica, já se acham funcionando em quasi todas as freguezias dêste concelho as comissões cultuaes devendo-se isso, em grande parte, á extraordinaria actividade do digno administrador sr. Beja da Silva, sem duvida um dos funcionarios a quem a Republica mais déve nésta circunscrição.

Torneio de tiro

Realiza-se no proximo dia 27 na carreira da guarnição désta cidade, entre os atiradores civis que durante o actual ano frequentáram a mesma carreira.

Para distribuir aos atiradores mais classificados nêsse torneio ha já valiosos premios oferecidos pelas corporações administrativas de Ilhavo e Aveiro, por sociedades de recreio e outros por alguns particulares.

A maior parte dêstes premios deverão ser expostos, na proxima semana, na tabacaria do cidadão Bernardo Torres, aos Arcos.

O torneio deve começar ás 10 horas.

EM OLIVEIRA DO BAIRRO

O odiento escriba dos "Écos do Vouga" continúa a afrontar os sentimentos liberaes dum concelho inteiro

Providencias,
sr. governador civil

Informam-nos que o prior da freguezia de Oiã, esse jesuita que está pronunciado por ter sido a alma danada do *complot* que dinamitou a ponte do Pano e que levantou os *rails* da linha na Ponte da Bunheira, continúa a arremeter contra as leis da Republica, tanto fóra como dentro da egreja, e que na esperança de não ser condenado pelo tribunal marcial de Coimbra, onde tem de ser julgado, ameaçára ha dias o regedor da freguezia, quando este o fôra intimar para não continuar a andar de porta em porta a *tirar a capéla*. E teve a desfaçatez de dizer ao regedor:—*hoje vós e ámanhã eu. Eu ainda hei-de mandar, politicamente, na freguezia e então hão-de-me pagar todas as vergonhas porque me tem feito passar.*

E' até onde póde chegar a audacia e o descaramento!

Então esse ministro do Senhor andáva a infringir uma lei da Republica e não queria que a autoridade se opozesse a isso?

Quando é que tu, ó jesuita, tivéste vergonha?!

Era quando, ministro dum Deus, que os da tua seita arranjaram para as suas conveniencias, andavas pelas adégas dos lavradores, noites e noites inteiras, na bebedeira e a dizer asneiras, que nem um arrieiro te ganhava! Era quando de manhã ias para casa bebedo como um cacho e que depois de dessipados os maiores vapores do alcool ias dizer missa, sem ao menos teres pejo de misturares o teu Deus com essa fermentação de vinho e bacalhau salgado ou chouriço crú que o abismo do teu estomago ainda não tinha ultimado? Era quando as tuas libidinações iam lançar a desarmonia e a vergonha entre as familias honradas que noite e dia mourejam o seu sustento do qual tu compartilhavas com o pretexto de fingidos favôres? Era quando tu andavas lá por essa povoação que se extasia com a côr dos *Pimpões* em patuscadas libicas para a conquista da hoje tua *ama*?

Não; tu nunca tivéste vergonha porque tendo-a não terias voltado mais a essa freguezia, muito especialmente enquanto não tivésses o recibo de quitação com a justiça do nefando crime de que te achas pronunciado, sem duvida com próvas, porque do contrario não terias sido afiançado visto a manifesta brandura dos tribunaes por onde correu o teu processo.

E pódes ficar cérto de que has-de ser condenado, de que te não ha-de valer a influencia daquelles a quem hoje te rojas e que mais odeavas nos tempos em que dizias—*no Céu manda Deus e na freguezia de Oiã mando eu*. Sim, has-de ser condenado porque o crime de que te achas pronunciado é ainda mais repugnante que o daquêles que em Chaves e Valença se bateram com as tropas da Republica.

Na consciencia dos povos da tua freguezia, com exceção da das beatas que tu tens feito á imagem e semilhança da tua e da daquêles a quem tu abres os toneis, já de ha muito que estás condenado, e nêsse tribunal, perante o qual dentro em pouco tens de ir responder, pódes ficar certo de que tambem has-de ter o castigo que merece o crime de que és acusado.

Em que te fias tu para dizeres ao regedor—*hoje vós e amanhã eu*?

Esperas ainda que a tua seita venha por aí dentro de braço dado com esse pultrão que ha pouco mais de dois anos fugiu ao ouvir os primeiros écos do canhão anunciando a aurora da liberdade, ou pensas que a influencia dêsses a quem te rojas, que por terem a capa de republicanos, é o bastante para influirem favoravelmente no tribunal que te ha-de julgar?

De qualquer das fórmas te enganas redondamente.

Pódes ficar certo disso e pódes mesmo dizer aos teus protectores, que tão mal conhecem a evolução que o 5 de outubro produziu no povo português, que aquêles que amam verdadeiramente a Patria Livre a hão-de defender dos seus *inimigos internos* e *externos*, custe o que custar, sacrifique-se quem houvér de se sacrificar.

Para êles que, felizmente, ainda são muitos, não ha facção politica, não ha chefes, não ha idolos, não ha nada além do amor da Patria.

Tudo sacrificam a éla e sacrificarão tudo por éla.

Tu mandares mais na freguezia de Oiã?!! Nunca!

O povo honrado e honesto déla toléra-te como o lavrador toléra o cão na vinha vendimada.

No entanto, recomendâmos ao sr. administrador do concelho que vigie mais de perto este jesuita, que se informe das arremetidas dêle contra as leis da Republica, que proceda porque, segundo nos informam, êle, depois de ter sido intimado, ainda andou por Aguas Bôas a tirar a capela com os môços.

Fóra, que é repugnante!

Opômos o mais formal desmentido a umas catilinárias que aí apareceram no *orgão democratico* da localidade e outro jornal, cujos processos de lisonja para captar *subscritores* são bem conhecidos, tendentes a distinguir como benemérito da humanidade o **apostata** Domingos José dos Santos Leite, atribuindo-lhe a dádiva de dinheiro para *a aquisição de milho que a câmara precisou fazer para abastecimento do nosso mercado e para manter a baixa de preço do pão dos pobres*, quando nada disso aconteceu, como nol-o afirmam pesaoas devidamente autorisadas.

Não; o sr. Domingos Leite não tem direito nenhum aos elogios da imprensa porque nenhuma intervenção têve na aquisição do milho para Aveiro, que foi mandado vir pela firma comercial *Viuva Jeronimo Batista Coelho & Filhos*, que o pagou e expôz á venda, sendo por isso a unica credôra do reconhecimento público além da câmara por intermedio de quem as requisições foram feitas e que nésse sentido se empenhou.

A verdade foi sempre uma só e essa ensinaram-nos tanto a respeitá-a que traíriamos a nossa missão se nêste logar a não restabelecessemos fazendo justiça a quem realmente a merece.

Comunicados

DESMENTIDO

Ha calunias tão assombrosas que por si só fenécem á primeira luz do dia, com a unica virtude de criarem imediatamente espontanea e indignada repulsa de todas as pessoas, mesmo medianamente sensatas, contra quem vilmente as urde para pabulo do *escandalo*. Foi por isso que não desmenti logo as pueris e irrisorias acusações que me fôram assacadas em uma correspondencia sob o titulo *Hipocrisia jesuitica*, publicada no jornal *O Democrata*, de Aveiro, n.º 236, de 30 de agosto ultimo. Julgo-me bem fóra e bem acima déssa lama.

Venho, porém, hoje desmentir formal e categoricamente as acusações *celebres* daquéla tão *celebrada* correspondencia mais principalmente por me constar que essa mesma *honesta* correspondencia veio transcrita noutros jornaes, do que por necessidade de protestar contra factos, cuja inverosimilhança transluz inequivocamente da teia adrede urdida para me enlaquear.

O odio, na verdade, urdiu essa teia com o mais premeditado intuito de vingança, visto que, com assertos de factos envenenados e falsissimos, *chegou* (ao escrevinhador) *a ocasião de se vingar de quem o pôz fóra de casa*; mas todas as pessoas, de quem directa e indirectamente tenho recebido as mais gratas provas de estima e de formal reprovação de taes aleivosias, hão desfeito essa teia com o mais ligeiro sôpro de sensata reflexão.

Não discuto a autoridade morrl dos honestos articulistas, nem tão pouco ponho em duvida o seu santo zêlo pelas cousas e pessoas religiosas, mas convido-os, no entanto, a que promovam uma sindicancia á minha vida publica e particular.

Não desprestigía quem quer, seja ou não isso *mot de ordre*.

Bobadéla, 3 de outubro de 1912.

Prior **Antonio Alves Ferreira.**

Apoiado!

Na imprensa do Porto, deparámos com o seguinte:

Uma numerosa comissão de membros do Grupo Radical de Defêsa da Republica e de delegados de diferentes agremiações republicanas, entregou hoje ao governador civil uma representação protestando contra a permanencia em repartições públicas de funccionarios conhecidos como reaccionarios ou de ideias politicas contrárias ás instituições vigentes, e pedindo que esses empregados sejam substituidos nos cargos que ocupam por individuos republicanos radicaes.

O governador civil, depois de lêr a representação, disse que ia consagrar ao assunto toda a atenção, prometendo fazer justiça e atender tanto quanto possivel á pretenção dos peticionários.

Não é só no Porto que tal protésto tem cabimento.

Aqui, como em Lisboa, como quasi em toda a parte, torna-se indispensavel que alguem indique ao govêrno as providencias a tomar em absoluta egualdade de circumstancias, se o govêrno, espontaneamente, e para o que está devidamente habilitado, não fizer o saneamento indispensavel em proveito das instituições, que são quem, em primeiro logar, aufêrem o beneficio.

Ou mais tarde ou mais cedo essa medida tem de ser tomada, na realidade.

Pois que venha éla quanto antes. Pela nossa parte podemos indicar a dedo aquêles que estão no caso de a receber, visto que não tem o menor escrupulo em continuar mantendo o seu odio contra o regimen, por todas as fórmas e feitios, com o maior descaro, com a mais irritante provocação.

O que se está passando por essas repartições, é simplesmente uma vergonha, não só sob esse ponto de vista, como ainda no emprego de eguaes processos áquêles antigos que resultavam pagar-se por vinte o que, de facto, tinha custado cinco!

Ora isto assim não póde nem deve continuar, sob pena de todas as penas e ainda da Republica perder no conceito de aquêles que toda a vida aspiraram por um regimen em que a moralidade fôsse o seu verdadeiro sustentaculo.

Recompensa merecida

Por ter salvo de morrer afogada, na ria, uma mulher, que no dia 30 de setembro ultimo regressava da Barra, foi louvado em ordem do corpo policial, a que pertence, o guarda n.º 25, Sanção de Matos Bandarra, a quem tambem foi arbitrada, a titulo de gratificação, a quantia de 10 escudos, como merecia pelo seu acto de comprovada coragem e abnegação.

E'-nos sempre agradavel registar assim casos da naturêsa daquêle que enobrece o sr. Sanção Bandarra.

NOTAS DA CARTEIRA

Realizou-se na sexta-feira passada o consorcio, por procuração, da sr.ª D. Laura Mendes Leite, filha do falecido oficial da armada, sr. Manuel Luís Mendes Leite, com o conhecido heroe dos Dembos, excapitão João de Almeida, atualmente emigrado em Londres por virtude dos ultimos acontecimentos politicos.

E' a sr.ª D. Laura Mendes Leite, pela sua modestia, posto que tenha avultados meios de fortuna, uma senhora que honra a terra onde nasceu, muito prendada e inteligente, tendo além disso todos os predicados indispensaveis para fazer a felicidade dum lar, inclusivé a virtude propria da mulher digna que não vê no luxo o motivo unico dos seus atrativos.

Oxalá seja muito e muito feliz.

—De passagem para a sua casa do Paço, Esgueira, estêve nésta cidade, o sr. Ventura Simões Aidos.

—Retira depois de ámanhã para Cabinda, Africa Ocidental, o nosso amigo e assinante, sr. João dos Santos Veiga, a quem, além de lhe desejarmos uma bôa viagem, muito nos apraz fazer votos pelas suas felicidades.

—Visitou-nos esta semana o sr. Francisco Valério Mostardinha.

—Regressou hoje da Barra com sua ex.ma familia, o nosso amigo sr. Manuel Marques da Silva.

CONGO BELGA

Aos nossos honrados assinantes désta parte da Africa, rogâmos o favor de satisfazerem os recibos do DEMOCRATA ao sr. Henrique Madail, empregado da casa "Valle, Figueiredo & C.ª", que dêles se acha depositario e obsequiosamente se encarregou da missão de os cobrar, como bom cooperador, que é, do nosso semanário.

* * *

Egual pedido fazemos aos assinantes de **Esgueira, Cacia, Sarrazola e Quintã do Loureiro** cujos recibos se acham em poder do nosso habitual cobrador.

Registo civil

Sabêmos por informações fidedignas que no 1.º de Janeiro proximo começarão a funcionar não só em Cacia como noutras freguezias, que teem direito a esse beneficio, os póstos do registo civil para os quaes está escolhendo pessoas competentemente habilitadas, o respectivo conservador, nosso amigo dr. Alfredo Nobre.

Garraiada

Corre impressa o programa da garraiada do proximo domingo, promovida pela *Banda dos Bombeiros Voluntarios*, na qual tomará parte por especial deferencia o distinto amador aveirense, sr. Antonio Ratola, que na ultima corrida tantos aplausos colheu na mesma praça onde agora vai de novo tourear.

AGRADECIMENTO

Elisio Filinto Feio e familia, veem por este meio testemunhar a sua gratidão e reconhecimento ao Batalhão de Voluntarios de Aveiro, ao Grupo de Defêsa da Republica, ás comissões politicas e administrativas da Gloria, Vera-Cruz e Esgueira, ao Centro Escolar Republicano, bem como a todas as pessoas que se dignaram assistir ao funeral de sua chorada mãe, pedindo desculpa de qualquer falta involuntaria que nos agradecimentos pessoaes possam cometer.

Esgueira, 8—10—1912

Elisio Filinto Feio

A HERANÇA DA MONARQUIA

O *Seculo* publicou ha dias o seguinte curioso mapa por onde claramente se vê o que a Republica herdou do regimen deposto em 5 de outubro de 1910, que alguns degenerados portuguêses pretendiam fazer restaurar, como se fôsse possivel voltarmos a esse tempo de escandalosa corrução.

Escusa comentarios:

INSTRUÇÃO PÚBLICA—3/4 de instrução analfabetica.

FINANÇAS—880:000 contos de divida pública.

FOMENTO—Só 2:997 kilometros de caminho de ferro monopolisados—Milhares de kilometros de estradas intransitaveis—Falta de escolas profissionaes—19:000 empregados públicos—Monopolios declarados do tabaco e dos fosforos, no país, e em Lisboa da agua, do gaz e da viação; disfarçados os do pão, da carne, do assucar, do peixe, etc.

COLONIAS—A maioria com *deficits* e sem civilisação.

DEFÊSA NACIONAL—Exercito com reduzido numero de homens, pouco armamento, fortes desartilhados, 6 cruzadores avariados, 17 canhoneiras incapazes, 11 lanchas velhas, 3 transportes sem valor e 4 torpedeiros.

RELIGIÃO—Inumeras congregações religiosas—A Companhia de Jesus soberana—Procissões e festas de egreja diárias—7:000 padres.

VAIDADE NACIONAL—2 duques, 26 marquêses, 157 condes, 249 viscondes, 94 barões, 2:062 conselheiros e cêrca de 6:000 comendadores civis.

DIPLOMACÍA—Combinações secretas com altas personagens estrangeiras para envio de forças dêsses países contra portuguêses para a manutenção do trôno em Portugal.

C. F. Fernandes

Resposta ao DESMENTIDO do padre da Boubadéla

Coimbra, 14

E' tão simples e atraente a vóz da Verdade, que qualquér escrevinhadôr como eu, pronto a tudo lhe sacrificar, se sente inflamado daquéla fé que animava os pescadôres da Judêa, quando viram em Cristo a sua personificação. E como é tão clara, tão brilhante, espero que éla possa iluminar as trévas do meu entendimento, ainda que muito densas, mas sempre ávidas de luz. E tu sacerdote de Cristo, deixa por um pouco o altar em que todos os dias santificas, aproxima-te e curva-te um momento perante esta divindade, sem mêdo nem receios; e se julgares que éla te póde fazêr mal, sofre com resignação, porque dêsse mal aparente resulta sómente o bem, para ti e para os outros.

Li o teu *desmentido* num jornal qualquer, que me veio ás mãos, e a conclusão que tirei foi simplesmente esta: sobre mim quizéste fazer recair todos os teus odios, todas as tuas preversas maldições dum vingativo e máu.

Ha muito esperáva, meu caro padre prior, que dissésses da tua justiça, que viésses publicamente provar a tua inocencia, como fazem todos os inocentes, e pretendem fazêr todos os criminosos. Porque deixáste que toda a imprensa se ocupasse do assunto e só passado um mez, e depois de varias tentativas de salvação, aparéces emfim a defendêr-te? Dir-te-ia, talvez, o remórso, que te calásses, emquanto as pessoas, que te julgavam um santo te incitaram á desafronta, de tal fórma, que não podéste deixar de publicar o teu celebre desmentido? Mas afinal dize-me uma cousa, com toda a franquêsa: quem te escreveu aquélas *duas bem notadas regras*? Não ha duvida, que no meu rude estilo de homem do pôvo, e num assunto, que tanta elevação requér, me senti pequenino deante do frazeado solene e grandioso do teu *desmentido formal*!

O escritôr, que assim têve um parto tão feliz, a ponto de se julgar com a competencia dum critico, déve ser bem conhecido no nosso meio literario. E como te não conhecia a habilidade, nem sequér nunca te ouvi duas cousas, que se aproveitassem, a não ser *a excomunhão maior*, que prometes, depois dos proclamos, a quem possa e não queira impedir um casamento, o que iria prejudicar os teus interesses, concluí, e não m'o deves levar a mal, que não passaste de um *tésta de férro*, quando consentiste que o teu nome figurasse como escritor e critico. Mas olha, meu caro padre prior, aquêle *desmentido*, que muito bem te devia soar aos ouvidos, pois que até parece um sermãosinho de quarésma, nada desmentiu, e nada provou senão que te deixas ludibriar com a mesma facilidade com que tentas ludibriar os outros.

Tu deverias ter provado que o sr. Lourenço éra capaz de te caluniar e que eu éra capaz duma vingança; mas visto não o teres feito, e esperando que o faças, passo desde já a provar-te que me não espanta absolutamente nada a veracidade do facto referido pelo sr. Lourenço. Tem este senhor um passado sem mancha, posto que tu o consideres um vil instrumento nas minhas mãos, agindo ao sabôr da minha fantasia. No teu *desmentido* diriges-te á minha pessoa, como se fôsse eu que afirmei vêr-te na vergonhosa scena de infamar, já bem conhecida. Não! Eu não vi nada disso! O que eu vi, foi o sr. Alves Lourenço contar a toda a gente o que se passou junto da sacristia e tu sem te defendêres, como um poltrão, meu caro padre prior. O que eu vi foi um homem, que atacava e um covarde, que se não defendia. O que eu vi, foi a sinceridade do sr. Lourenço e a sua conduta de sempre, o misterio e a confusão que a muito bôa gente te faziam as diarias confissões *post missam* de portas fechadas e só, com uma senhora, que, desacompanhada, apezar de solteira e ainda nova, vinha de uma quinta bastante afastada fazer-te uma visita matinal. Depois, vi ainda mais: vi o teu caracter e a tua honestidade; rasguei-te a mascara e vi a tua consciencia! Foi então que não pude duvidar de que esse acto, vergonhoso e baixo, éra digno de ti!

Talvês o odio de que me acusas te colocasse através dêste prisma, é proporcionasse áquêle que o alimenta *a ocasião de se vingar de quem o pôz fóra de casa*...

Primeiro, deixa-me dizêr-te, que ás vezes fálo com os mortos, e que uma vez um, chamado Madame de Sevigné, me deu o seguinte conselho, que te transmito integralmente: *Não te resolvas nunca a sustentar um odio; é fardo mais pesado do que imaginas. E agora, permite-me satisfazer a curiosidade dos vivos, que hão-de estar anciosos por saber a rasão porque expulsaste do teu sagrado lar a da tua santa convivencia, o pobre escrevinhador, que mais uma vez tem de aturar a tua ignorancia. E tu, meu querido Democrata, em honra do meu padre prior, que tudo merece, descança agora um bocado do teu labôr continuo e util, e escuta uma historia engraçada. E' banal e muito pequenina, debaixo de todos os aspectos; tem paciencia.*

Ha-de haver seis ou sete anos revoltaram-se os estudantes no Seminario de Coimbra e eu tambem nêsse tempo éra seminarista. Um dia, em ocasião de férias, encontrando-me em casa do meu padre prior, pediu-me impressões á tal respeito e, é claro, a minha opinião foi favoravel aos meus condiscipulos. Isto irritou-o devéras, e, como dos pequenos cerebros estão sempre a esguichar pequenas ideias, o homem valeu-se da presença demeu pae para me atirar com a seguinte bomba: o sr. não me guarda respeito; passa aqui a fumar, á minha porta, dependurado no seu cigarro, todo senhor do seu nariz, até mesmo quando estou á janéla!

O homem a fazêr-me uma acu-

sação déstas, deante de meu pae, com as narinas dilatadas, olhos ameaçadôres, e a espuma a cairlhe dos cantos da bôca, metia mêdo, fazia calafrios.

Tinha eu os meus dezoito anos. Parece que ainda hoje tenho receio que êles voltem, e, com êles, esta scêna do padre prior da minha aldeia.

Fiquei um bocado atrapalhado com o ataque e disse-lhe a primeira cousa que me lembrou: *olhe, sr. prior, quando lhe viér pedir dinheiro para tabaco não m'o dê.*

—Pois o sr. diz-me isso na minha casa?

—Sim senhor, disse-lhe eu, e pela mesma porta por onde entrei por éssa posso saír!—Com licença, sr. Costa, diz êle ao meu pae, levantando-se. E quando vi que o pulha ia levantar-se, provavelmente para me pôr na rua, levantei-me primeiro e saí.

Este facto, que tu não serás capaz de negár deante do venerando velho, que o presenceou, e que melhor do que eu soube avaliar néssa altura o teu procedimento, este facto, repito, nada mais poderá provar de que não passas dum mal educa o em o téres praticado, e dum refinado estupido em me forneceres argumentos com que posso atacar-te e que só por si valem o perfil da tua repelente figura.

Não foi, todavia, essa tua bonita acção, que me levou a acreditar nas afirmações do sr. Lourenço; mas fizéste bem em lembrar, porque é digna de se juntar á continuação da cronica, que ha tanto tempo prometi fazer nêste jornal, ácêrca da tua vida, modêlo de virtudes cristãs, para que toda a gente saiba que tu és um inocente colocado no altar da Verdade, de onde saírás sem mancha, lavadinho como uma pescada, nêste oceano indomavel da opinião pública...

* * *

Em que se prova a sua fervorosa crença nas coisas do céu

Tendo adoecido a sua creada, com uma doença de tal naturêsa, que os medicos declararam que éra impossivel salvál-a,foi-se a doente definhando pouco e pouco até que, exalando o ultimo suspiro em casa do meu padre prior, este a deixou morrer sem confissão, não obstante o caracter da doença e a declaração medica, desculpando-se da sua falta, dizendo que lhe não ministrára nenhum sacramento por temêr que éla morresse mais depréssa. Este padre, tão crente, prefére dois dias de vida nêste mundo á vida eterna no outro.

Para isto não precisâmos de padres!

Quem não pensa como o padre prior da minha aldeia? Se este facto não fôsse uma incoerencia, uma manifestação da sua hipocrisia, estava bem. Mas então para que diabo anda êle sempre a falar no céu e no inferno á ignorancia do pôvo?

Acauteláe-vos camponêses da minha aldeia, e vêde como o vosso padre o que quér é enganar-vos e explorar-vos.

* * *

Em que se prova a sua honestidade

Este padre, que tanta penitencia tem dado a muitos desgraçados por arranjarem em propriedade alheia umas arrancas sêcas de pinheiro para fazer o caldo, é acusado por o inteligente, honrado, e bem conhecido padre Luiz Augusto Martins de se apossar de um dinheiro dêste senhor, sem sua auctorisação, e que não éra ainda muito pouco. Sabeis, ó camponezes da minha terra, como nós, o pôvo, na nossa linguagem rude exprimimos,numa só palavra, a acção de um individuo se apossar do que não é seu? Chama-se roubar!

Se o vosso padre roubou um coléga, tende vós cuidado, pobres ovelhinhas mansas... tende cuidado!...

* * *

Em que se prova a sua honra

Numa questão que houve entre os sr. padre prior e o sr. Castélo Branco, instaurou aquêle um processo contra este senhor, entregando para esse fim ao regedor, sr. Francisco Maria Lourenço Correia, os pontos que deviam servir de base de acusação para este sr. oficiar. Como visse o ar um pouco escuro e temesse trovoada, o que muito encomoda os seus nervos, tratou de se reconciliar com o sr. Castélo Branco, jurando pelas suas ordens sacras, sacratissimas nêste caso, que não déra taes apontamentos ao regedor.

Esta só podia lembrar ao meu padre prior, que é um espertalhão; mas désta vez é que ninguem engulíu a pilula...

Em que se prova a protécção que sempre dispensou aos desgraçados

Uma pobre mulher vivia com um filho unico, que tinha, e, como era pobre, quando éla morreu, entendeu o filho que a mãe não precisava de oficios, visto que só quem é rico e paga, tem essa vantagem de arranjar um logar, mais depressa e melhor, á mão direita do deus padre todo poderoso.

O padre é que não esteve com meias medidas. Fez-lhe um noturno que importou em 2$500 reis e como o homem não podesse pagar tão depressa como o padre queria, mandou-o citar, subindo-lhe o preço do noturno a 13$000 reis, que pouco mais valeriam, talvez, os bens do homem.

* * *

Em que se prova, que o padre cura, de Guerra Junqueiro, devia comer os melros

Estando bem compenetrado do espirito da egreja, não quiz o meu bom padre prior deixar passar a ocasião oportuna de fazer vêr ao povo da sua aldeia, que o padre cura devia comer os melros porque o pae teve o arrojo de se alimentar dos seus passaes, sem que o padre santo a isso o autorisasse oficialmente.

Não lhe dando o pae dum seminarista o seu voto, para que podesse dizer umas missas, que deviam ser dadas a outro padre, escreveu uma carta ao professor do rapaz para que o não leccionasse dizendo-lhe até que se lhe fazia, muita falta a mensalidade, que o seminarista lhe pagava, se não pouparia a um sacrificio, se tanto fôsse preciso. O seminarista obtêve essa carta, que mostrou a diferentes pessoas e é hoje o seu coléga Francisco Firmino Madeira.

Em face de tudo isto quem não dirá logo que tu eras incapaz de cometer qualquer acto menos moralisador, menos harmonico com os ditâmes da tua escrupulosa consciencia? Ah! Deves ser uma vitima, meu santo padre! Perdôa-me se pequei; não me négues a absolvição, que sinto morrer asfixiada a minha honra nas tuas mãos angelicaes e justiceiras... Eu sou um vingativo; o sr. Alves Lourenço um caluniador! Peço, meu santo padre, a condenação que mereço, nas galés, no desterro, na fôrca ou na inquisição! E como a Justiça não admite excéções, não deixes impunes o sr. Lourenço, o teu coléga padre Luís, o teu coléga padre Firmino, o sr. Francisco Maria Correia, o homem que te pagou 13$000 reis dum noturno, Luís dos Santos, o côxo, a mulher e as filhas e a tua propria creada, que deu logar a que se dissesse mal de ti. Vivos e mortos, que todos recebam o castigo que julgares conveniente, tanto nêste mundo como no outro; pois que a tua jurisdição vae desde a terra, aonde o homem labuta, até ao ceu aonde tu gosas e ao inferno aonde fazes viver toda a gente, para, quando muito, atravessares por simples distração recreativa os *boulevards* do purgatorio.

Ainda tenho muito que te dizer, mas hoje basta, porque o espaço deve escassear.

Agostinho da Costa Ilharco

Falta de espaço

Porque se nos torna impossivel dar publicidade hoje a todos os originaes em nosso poder, pedimos desculpa aos seus autores a quem prometemos no proximo numero atender.

Em casa de familia respeitavel, no centro da cidade, por preço excessivamente diminuto, aceita-se menina ou menino que pretendá estudar.

Nésta redacção se diz.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

OUTUBRO	
DIAS	PHARMACIAS
20	MOURA
27	LUZ

O DEMOCRATA

Vende-se agora no **Kiosque Pereira,** junto ao mercado do Côjo.

Ultima hora

Da 5.ª Divisão militar volta á procedencia para novas investigações, o processo crime formádo contra o tenente medico miliciano Pereira da Cruz—Que haverá de novo?

Quando ontem concluiamos o jornal, fômos informádos de que tinham sido chamadas a depôr no auto de corpo de delito formado contra o medico Pereira da Cruz, algumas das testemunhas que já o haviam feito, entre as quaes o homem de Verdemilho que entregou ao referido medico 45$000 reis a titulo de lhe ter livrado o filho de soldado e que firmou, sem coacção de especie alguma, no cartorio do advogado e notário, dr. André dos Reis, aquêle documento aqui publicádo com o n.º 1.

A que obdece semelhante resolução dimanáda de Coimbra? Não o sabêmos por emquanto, mas talvez que no proximo numero algo já possâmos dizer a tal respeito, assim como da estranhêsa que nos causou o facto de só agora aparecer em cêna um policia que *defende* o sr. Pereira da Cruz! . .